

Magude reclama Hospital Dia para tratamento anti-retroviral

Por ARMANDO JÚNIOR

A falta de um Hospital Dia para tratamento anti-retroviral de pessoas padecendo do HIV/Sida é a principal preocupação dos moradores do distrito de Magude, na província de Maputo, um dos que mais seropositivos apresentam naquela parcela do país, num momento em que já se sabe que ser HIV-positivo não significa pena de morte.

Com uma população estimada em 60 mil habitantes, Magude tem registado um cada vez mais crescente número de HIV-positivos. Só no primeiro semestre deste ano o Gabinete de Aconselhamento e Testagem Voluntária local registou, dos 796 utentes, 220 pessoas seropositivas, o correspondente a 28 por cento.

A poligamia e os constantes contactos com a vizinha África do Sul são apontados como os principais factores para esta situação.

Não obstante este quadro negro, em Magude, cerca de 150 quilómetros da cidade de Maputo, não há nenhum Hospital Dia para tratar os seropositivos que dele precisam.

Para terem acesso a este tratamento, as pessoas vêem-se obrigadas a percorrer 75 quilómetros até Manhiça ou ainda 150 até Maputo, maratona que nem sempre é fácil devido à impossibilidade dos doentes em obter dinheiro para transporte.

Uma deslocação Magude-Manhiça custa 40 mil meticals só uma viagem, o que totaliza 80 mil meticals com o regresso. Já para Maputo, o custo é a dobrar. Pior ainda é quando o paciente vem do interior do distrito.

Por exemplo, uma viagem Mapulanguene - Magude sede custa 80 mil meticals, valor a que se adiciona ao da viagem para Manhiça ou Maputo, conforme a opção, totalizando entre 120 e 160 contos cada trajecto.

Como resultado disso, muitos doentes preferem, mesmo sabendo do seu estado, ficar nas suas casas, acabando por morrer, numa altura em que se sabe que ser HIV-positivo não é sinónimo de sentença de morte.

Alguns pacientes procuram alternativas na medicina tradicional, conforme "Diário de Moçambique" pôde confirmar nalguns pontos do distrito de Magude.

A história que vamos contar é de uma seropositiva que vive em Panjane, um dos povoados do distrito de Magude. Preferimos chamá-la por Paula (e qualquer semelhança é pura coincidência) Maculula.

Ela é uma dos 20 doentes de Sida que recebem assistência e cuidados domiciliários da Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família (AMODEFA). Ela, que não conhece a idade e nem quando começou a sentir sintomas de doença, perdeu o marido há alguns anos e

contamos com ajuda de colegas dela na organização. Da vila sede deslocamo-nos alguns quilómetros em direcção a Xinavane.

Depois da apresentação, "Maria" não colocou nenhum inconveniente, com excepção da sua identidade.

Ela trabalha como activista na AMODEFA desde 2002. Mas só ano passado, depois de ficar doente, foi aconselhada a fazer teste. Fê-lo e o resultado saiu positivo.

Com apoio daquela associação teve que ir a Maputo receber tratamento anti-retroviral. Logo que abriu o Hospital Dia de Manhiça teve a distância encurtada, facilidade que não é para todos.

Informou que a única safa neste momento tem sido o apoio que recebe da Associação Moçambicana para o Desenvolvimento da Família.

Não obstante assumir ser seropositiva, não se conforma que seja apenas esse o problema que afecta a sua saúde. Acha que há feitiço.

A semelhança dela, há muitos doentes que morre à procura de tratamento nos curandeiros.

A nossa Reportagem soube que bem perto da casa onde mora Paula Maculula, há um mineiro repatriado da África do Sul doente, cuja explicação da sua enfermidade é também o feitiço.

Como se disse, só os que conseguem ter dinheiro para viagens regulares à Manhiça ou Maputo que é têm a sua vida garantida.

Exemplo disso é "Maria", uma activista da AMODEFA e residente na zona de Magude "C".

Para termos acesso a ela

contamos com ajuda de colegas dela na organização. Da vila sede deslocamo-nos alguns quilómetros em direcção a Xinavane.

Depois da apresentação, "Maria" não colocou nenhum inconveniente, com excepção da sua identidade.

Ela trabalha como activista na AMODEFA desde 2002. Mas só ano passado, depois de ficar doente, foi aconselhada a fazer teste. Fê-lo e o resultado saiu positivo.

Com apoio daquela associação teve que ir a Maputo receber tratamento anti-retroviral. Logo que abriu o Hospital Dia de Manhiça teve a distância encurtada, facilidade que não é para todos.

PREOCUPAÇÃO LEGÍTIMA

Amélia Odete Macamo é representante da AMODEFA em Magude, colectividade que se dedica à assistência de crianças órfãs e cuidados domiciliários aos doentes de Sida.

Em contacto com este matutino, reconheceu os contornos negativos que a falta de um Hospital Dia causa aos doentes de Sida, sobretudo aqueles que vivem em zonas recônditas do distrito.

É que, tal como explicou, a maioria é pobre mesmo antes de ficar doente, situação que se agrava com a degradação do estado da saúde. Isso impossibilita os doentes de se deslocarem à Manhiça ou Maputo para receber cuidados médicos adequados.

De acordo com Amélia Macamo, a sua associação tenta minimizar o sofrimento daqueles que não podem, oferecendo

tratamento a doenças oportunistas, assistência nutricional e aconselhamento a 170 doentes de Panjane, Maguiguane, Chocotiva e Bairro Catuane.

As visitas domiciliárias são feitas por 25 activistas, os quais passam da casa dos doentes duas vezes por semana. Além de aconselhamento, eles ajudam nos trabalhos domésticos.

A cada doente é disponibilizado um pacote mensal em alimentos, constituído por 36 quilos de milho, seis de feijão, três litros de óleo e 18 quilos de soja.

A mesma associação apoia 208 crianças órfãs, recebendo cada uma delas 15 quilos de milho, 1,5 de feijão e 0,6 litro de óleo, produtos que nem sempre são suficientes para as necessidades dos pacientes.

Por seu turno, a secretária executiva do Núcleo distrital de Combate ao Sida, Francisca Zandamela, reconheceu as implicações que tem a falta de um Hospital Dia na vida dos seropositivos em Magude.

Para ela, não são apenas as distâncias que cansam os doentes, mas também o facto de chegarem no de Manhiça e Maputo e não ser recebidos por alegado esgotamento de capacidade de atendimento.

"As vezes, as pessoas gastam o seu dinheiro e quando chegam a Manhiça deparam-se com a situação de que já não há capacidade para o seu tratamento" - indicou.

PARA JÁ, NÃO...

Segundo o director distrital da Saúde de Magude, Sabino Amado,

contactado pela nossa Reportagem para comentar a falta de um Hospital Dia, disse que para já não há nenhum projecto para a instalação daquela infraestrutura.

"A orientação que nós temos é que os pacientes deste distrito devam receber tratamento na Manhiça, onde já existem esses serviços" - respondeu, reconhecendo haver muita pressão, tanto por parte dos doentes assim como da sociedade.

Lembrou que em todas as reuniões de âmbito distrital e provincial tem-se estado a insistir na instalação, em Magude, de um Hospital Dia. Contudo, a resposta continua insatisfatória, pois as prioridades não são para aquele distrito.

O que se fez foi montar, no Centro de Saúde da sede distrital, um Gabinete de Aconselhamento e Testagem Voluntária, que funciona desde Agosto do ano passado.

Devido à falta de um Hospital de Dia os seropositivos recebem tratamento em enfermarias normais, informou Amado, para quem a falta daqueles serviços traz consigo as suas implicações.

Explicou que a vizinhança de Magude com a África do Sul, um país com níveis elevados de seroprevalência, e a poligamia, são alguns factores que agravam os níveis de infecção pelo HIV.

"Aqui em Magude um homem com uma esposa não é considerado homem. Chamam-no chefe dos solteiros. O ser homem significa ter mais que uma mulher" - revelou Amado, apontando a gravidade dessa situação.

